

# XI ECOECO

VII Congreso Iberoamericano  
Desarrollo y Ambiente

XI ENCONTRO NACIONAL DA ECOECO  
Araraquara-SP - Brasil

---

GUERRA E SUSTENTABILIDADE: VALORES, CUSTOS E IMPACTOS

**Lidia Rogatto e Silva** (UNB) - lidiarogatto@gmail.com

*Jornalista, mestre em Divulgação Científica, doutoranda em Desenvolvimento Sustentável (CDS\_UNB)*

# Guerra e sustentabilidade: valores, custos e impactos

LIDIA ROGATTO E SILVA

## RESUMO

Este trabalho se propõe a analisar a guerra com relação aos seus impactos econômicos e ambientais. A complexidade do binômio guerra-sustentabilidade é discutida a partir dos valores imbuídos nos conceitos de desenvolvimento sustentável e de conflito armado, bem como dos custos monetários e dos efeitos, sobretudo no que concerne a escassez de recursos naturais e impactos de tipo “sink”. Para efeitos metodológicos, toma-se como objeto os conflitos atuais no Oriente Médio, ricos em dados quantitativos e qualitativos que permitem um recorte de tal problemática. A pesquisa tem como objetivo discutir alguns limites ao desenvolvimento sustentável, impostos por nações diretamente envolvidas em conflito armado, e cujos reflexos extrapolam noções de territorialidade e temporalidade, desafiando o efeito de imediatismo da guerra e de resiliência do ecossistema. Por fim, o trabalho se volta à hipótese de que o Estado de paz e desarmamento é inerente e fundamental à manutenção e aplicação de práticas relacionadas ao desenvolvimento sustentável.

## RESUMO EXPANDIDO

Em seu “Programa Bioeconômico” de 1976, o matemático romeno Nicholas Georgescu-Roegen (1906-1994) já apontava para a necessidade de uma proibição total da produção de armas, de modo a direcionar o capital envolvido nessa atividade para “propósitos mais construtivos”, sustentáveis. O desarmamento, assim, seria uma das premissas para a bioeconomia – um estado idealizado de harmonia entre a biosfera e o campo tecnológico, quer seja no ponto de vista ético (a importância da paz para a função utópica da Bioeconomia), ou na sua perspectiva utilitarista.

Da década de 70 para cá, passadas a Guerra Fria, Guerra do Vietnã, Guerra do Líbano e do Irã-Iraque, o imperativo de Georgescu-Roegen continua a ter eco em conflitos armados contextualizados no “meio técnico-científico-informacional” da globalização (SANTOS, 1997). Assim, o apelo ecológico – tornado possível com a ampliação do debate acerca da sustentabilidade também na esfera produtiva – se estendeu às instâncias atuais do Oriente Médio, trazendo à tona a necessidade de um “esverdeamento” da indústria bélica – a reciclagem de seus produtos e subprodutos.

No mercado de armamento, a política, a ciência/tecnologia e as forças táticas trabalham em estreita sintonia. Progressivamente, contudo, vemos uma incorporação também do discurso da sustentabilidade para atender a uma agenda política internacional, preocupada com o acolhimento de protocolos e tratados de visibilidade mundial. Este discurso coloca em xeque os custos econômicos e ambientais da guerra, não somente com relação ao esgotamento de recursos naturais para a produção bélica, como também chamando atenção à poluição do solo e água, poeira tóxica, gases de efeito estufa, destruição e fragmentação de ecossistemas e aceleração de extinção da fauna local/regional – impactos denominados de tipo “sink”, segundo Donella Meadows.

Importante ressaltar que, apenas em 2012, o mercado de armamento moveu \$1,7 trilhões de dólares, sendo 39% desse total concedido aos Estados Unidos (SIPRI Military Expenditure Database, 2013). Trata-se, pois, de uma indústria global cujo impacto é grande o bastante para funcionar como carro-chefe de algumas economias, traduzindo parte do “grande emaranhado de fluxos” da globalização (RAMOS DE CAMARGO, 2009). Em contraste, um total de \$631 bilhões de dólares foi aprovado para a manutenção do meio ambiente global pela UNEP (United Nations for Environment Programme) para o período de 2014-2015, sendo expressivamente menor do que o mercado bélico, e apenas ligeiramente maior se comparado à defesa militar dos EUA (\$521 bilhões de dólares em 2014).

A guerra muda necessariamente os parâmetros e índices de uma nação, tendendo a drenar economias, esgotar recursos naturais e aprofundar problemáticas sociais (CLARK, 2008). Além disso, face a conflitos armados, a sensibilidade perante a conservação do meio ambiente é legada a um segundo plano (MATHIESEN, 2014), política essa que carrega drásticos impactos ambientais a longo prazo. As disparidades dos custos para a movimentação do mercado de guerra/defesa nacional em contraste com os custos de proteção ambiental são profundas e complexas, com sequelas materiais e imateriais à sociedade e ao ecossistema, indo da saúde pública aos mais variados exercícios de liberdade e cidadania. Uma análise mais cuidadosa aponta, ainda, para a dificuldade de se medir as perdas ambientais que são impulsionadas por conflitos armados, já que essas não são meramente quantitativas (CLARK, 2008) e desafiam conceitos como o de resiliência.

Os impactos da guerra no meio ambiente não são comparáveis a outros distúrbios ou desastres naturais (como um furacão ou um tsunami) e seus efeitos não se reduzem a tensões geopolíticas. Conflitos armados constroem barreiras a um cenário propício ao desenvolvimento sustentável nos seus três pilares: social, ambiental e econômico. Interconectadas, tais dimensões encontram-se profundamente fragilizadas em instâncias de guerra, pondo em risco a consolidação de um “desenvolvimento que satisfaz as necessidades do presente, sem comprometer a capacidade de gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades” (BRUNDTLAND, 1987).